



# Um ensino prático e próximo do aluno

A Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Marco de Canaveses (EPAMAC) foi criada em 1989 e daí para cá tem-se afirmado como uma instituição modelo no panorama nacional do ensino agrícola.

Para conhecermos melhor a sua atualidade, fomos ao encontro do seu diretor, João Miguel Gonçalves. Contextualizando-nos acerca da sua missão, o nosso entrevistado fala-nos numa escola que “proporciona formação de nível intermédio aos seus alunos, no sentido de que, ao fim do 12º ano de escolaridade, estejam credenciados profissionalmente nas áreas da Produção Agropecuária, da Gestão Equina e do Turismo Ambiental e Rural”.

Estando sediada no concelho de Marco de Canaveses, trata-se de um estabelecimento de ensino que, contudo, é neste momento frequentado por estudantes vindos de 37 diferentes concelhos do país. Algo que não será alheio ao êxito da EPAMAC na formação de gerações de jovens que, ao longo destas últimas décadas, têm dado cartas em diversos segmentos do mundo agroturístico nacional. Efetivamente, mais do que uma entidade formadora, a EPAMAC assume convictamente o seu papel enquanto polo de desenvolvimento regional, que encontra fundamento no serviço à comunidade e que, mediante a constatação da trajetória dos seus estudantes, formou alunos que “atualmente estão em lugares de destaque e têm sido responsáveis por catapultar algumas áreas de negócio ao nível da inovação e da produtividade”.

A título exemplificativo, João Miguel Gonçalves fala-nos do setor vitivinícola, chamando a atenção para o facto de “35% de toda a produção de Vinho Verde passar pelas mãos de antigos estudantes da EPAMAC”. Questionado acerca do trabalho que tem concretizado tudo isto, o responsável diz-nos que este “é um projeto educativo singular e único”. Explicitando: “Entre as diferentes escolas profissionais agrícolas públicas, cada uma é

diferente da outra e tem um projeto muito próprio. No nosso caso, temos mantido sempre fiéis aos cursos que são exclusivamente da área do agroturismo e o nosso projeto assenta em duas grandes bases. Uma é a fortíssima componente prática e técnica que colocamos na aprendizagem. Temos sempre alunos em atividade nas explorações que aqui temos e, para além disso, estamos a receber cerca de dois mil visitantes por ano que são acolhidos pelos nossos estudantes. Esta marca que nós temos, de aprender fazendo, é depois complementada com a formação em contexto de trabalho, para a qual temos quase 600 empresas que são nossas parceiras e que, para além de estarem distribuídas um pouco por todo o país, ainda estão também em países como Inglaterra, França, Dinamarca, Alemanha, Suíça ou Luxemburgo”.

Abordando o outro pilar da prática pedagógica da EPAMAC, refere “um apoio aos alunos que é permanente; um jovem chega aqui, vai viver conosco durante três anos e nós temos que estar ao lado dele, perceber as suas dificuldades e começar a apoiá-lo imediatamente. O que fazemos aqui não é apenas ir ensinando, fazer um teste e só depois caso ele não consiga resultados é que arranjam uma solução. Pelo contrário, nós fazemos isso desde o primeiro momento e, para que eles saiam daqui bons profissionais, temos que ser o mais eficazes possível e aproveitar todas as alturas para lhes ensinarmos alguma coisa”.

Passando a descrever-nos as condições que aqui podem ser encontradas, João Miguel Gonçalves não hesita em começar por dizer que “esta é a escola profissional agrícola mais bonita de Portugal”. Acrescenta que “é a única que se encontra verdadeiramente num espaço rural, estando no meio de uma aldeia, sem que haja muita construção em seu redor”.

A propriedade onde se insere inclui 100 hectares de terreno “ao serviço do ensino profissional agrícola”, dentro dos quais cerca de 50 são de lavradio e os restantes de floresta ou de instalações agropecuárias. Fazendo jus a esta aproximação entre o aluno e o trabalho prático, todo este espaço é um autêntico “laboratório ao livre”, ideal para “criar condições de motivação, que façam com que os alunos se interessem, se apaixonem e queiram desenvolver aprendizagens e atividades neste âmbito”.

A juntar às divisões que são comuns a qualquer escola, a EPAMAC dispõe de áreas próprias para Suinicultura, Avicultura, Apicultura, Truticultura, Gado Bovino, Estufas de Produção Vegetal e de Floricultura, Vinha e uma ampla variedade de pomares. Ao mesmo tempo, destaque-se também o facto de esta ser a única escola a norte do Douro com um centro hípico federado.

Como ponto que merece novos desenvolvimentos, o diretor dá ênfase à expectativa de que o Ministério da Educação “ajude a escola a melhorar a situação da sua residência escolar, que tem 27 anos e inicialmente foi construída para entre 30 a 40 pessoas, apesar de terem sido feitos vários acrescentos provisórios” para acomodar os atuais 110 (pouco menos de metade dos 250 que frequentam a EPAMAC). João Miguel Gonçalves entende que “a dignificação do ensino agrícola também tem de passar por estas condições”, sendo este um aspeto em que Portugal se encontra em desvantagem face à realidade “dos restantes países europeus, desde Espanha ao Leste”.

Esta é mesmo uma matéria na qual o responsável coloca grande importância, uma vez que o futuro de uma escola como a EPAMAC “deverá passar cada vez mais pelos alunos residentes”. Prosseguindo, diz-nos que “as escolas “temáticas” têm de atrair públicos como os dos grandes centros urbanos e os pais, ao levarem para fora um jovem de 14 ou 15 anos, precisam de sentir conforto do ponto de vista da segurança e das instalações que a escola oferece. Esse terá que ser um primeiro passo para a própria melhoria da imagem global do ensino profissional”, algo que se torna especialmente necessário, uma vez que estas “são escolas

que de facto ajudam os alunos, ao proporcionarem percursos educativos que lhes ensinam o essencial para as suas vidas profissionais futuras”.

Numa outra vertente, mas num sentido concorde, o diretor chama a atenção para “a necessidade de melhorias também ao nível dos equipamentos e das infraestruturas gerais. Estamos a falar de escolas com quase 30 anos, em que o Estado fez um investimento inicial mas a partir daí não lhe deu continuidade”. Concluindo, “as escolas profissionais agrícolas precisam de uma renovação nestes aspetos, de resto, precisam apenas que as deixem trabalhar porque, no caso particular da EPAMAC, estamos a trabalhar bem e de forma bem organizada”.

